

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS**

**FELIPE DE CASTRO SOUZA
WALLACE ROCHA DA COSTA VIEIRA**

**A EDUCAÇÃO BÁSICA SOB PRESSÃO DA CULTURA POPULAR: REFLEXÕES
SOBRE O FUNK E SUAS POSSIBILIDADES NA ESCOLA**

**VITÓRIA
2021**

FELIPE DE CASTRO SOUZA
WALLACE ROCHA DA COSTA VIEIRA

**A EDUCAÇÃO BÁSICA SOB PRESSÃO DA CULTURA POPULAR: REFLEXÕES
SOBRE O FUNK E SUAS POSSIBILIDADES NA ESCOLA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Educação Física.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rosianny Campos Berto.

VITÓRIA

2021

FELIPE DE CASTRO SOUZA
WALLACE ROCHA DA COSTA VIEIRA

**A EDUCAÇÃO BÁSICA SOB PRESSÃO DA CULTURA POPULAR: REFLEXÕES
SOBRE O FUNK E SUAS POSSIBILIDADES NA ESCOLA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Educação Física.

Aprovada em 4 de Março de 2021.

COMISSÃO EXAMINADORA

Rosianny Campos Berto

Prof^a. Dr^a. Rosianny Campos Berto
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientadora

Erineusa Maria da Silva

Prof^a. Dr^a. Erineusa Maria da Silva
Universidade Federal do Espírito Santo

Claudia Aleixo Alves

Prof^a. Dr^a. Claudia Aleixo Alves
Instituto Federal Fluminense - Campus Itaperuna

AGRADECIMENTOS FELIPE

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus, que no tempo certo, tornou possível todas as coisas.

Agradeço a Universidade Federal do Espírito Santo, seu corpo docente, administração, direção e demais setores, pelo espaço e oportunidade que foi dado para a realização do curso de educação física.

Agradeço imensamente a nossa orientadora Prof^ª. Rosianny Campos Berto, pela honra de ter nos orientado neste trabalho, pela grande paciência que teve conosco, pela disponibilidade e por todas as demais orientações e auxílio oferecidos.

Agradeço a mim mesmo por nunca ter desistido, a minha família, em especial mãe e irmãos, por serem minhas inspirações e referências, pelo companheirismo e amor dado a mim me ajudando nos momentos difíceis. Agradeço também ao meu pai e avô, pessoas fundamentais que me incentivaram a iniciar a formação de ensino superior.

Agradeço ao meu amigo Wallace, pela parceria durante esses anos (fora e dentro da universidade) e por ter aceitado elaborar comigo esta pesquisa.

Ao meu grupo de amigos da faculdade; "OHANA" (Bianca, Carol, Gunther, Henrique, Lucas, José Neto, Júlio, Tainara e Welder) por tornarem os dias juntos agradáveis e prazerosos, com troca de ideias que me fizeram crescer e me moldar socialmente para melhor, assim como Filipe Aleixo, Jonas, Lucas Borges, Renato e Sandro.

Agradeço aos meus amigos de fora da universidade, que fizeram parte do meu percurso no ensino médio e que a amizade eu levarei para o resto da vida; Ana Buriel, Ana Julia, Camilla, Gabriel Nunes e Ketlen.

Por fim, aos meus amigos de infância que estão comigo até hoje, me faltam palavras para dizer o quanto são importantes: Matheus, Pedro, Raycharles, Richerd, Robert e Saulo.

Agradeço a todos que direta ou indiretamente fizeram parte desta trajetória, obrigado.

AGRADECIMENTOS WALLACE

Tenho muito a agradecer por estar concluindo mais uma etapa importante para a minha caminhada profissional e pessoal, mas também uma conquista para a minha família, especialmente para a meus parentes por parte materna, entre os quais serei o primeiro a ter cursado o nível superior.

Agradeço, primeiramente, a minha fé em Deus, que tornou possível todas as coisas.

Agradeço a minha família por sempre ter me apoiado nos estudos e nunca ter deixado nada me faltar.

Agradeço a Universidade Federal do Espírito Santo, seus docentes, a sua administração e direção, pelo espaço e oportunidade que nos foram cedidos durante o curso de Educação Física.

À nossa orientadora Prof^a. Dr^a. Rosianny Campos Berto, por ter nos orientado neste trabalho, pela paciência, pela disponibilidade e por toda orientação oferecida.

Aos meus companheiros de turma, intitulada como “CHAPACOCOENSE” (2016/1), por terem alegrado minhas manhãs durante 4 anos; por terem me ajudado nos momentos difíceis dessa caminhada acadêmica e por aceitarem participar da pesquisa que deu fim a esse Trabalho de Conclusão de Curso.

Agradeço aos diretores de Remo Olímpico do Clube de Natação e Regatas Álvares Cabral onde sou atleta há 12 anos: Rogério Marins Có e Washington Martins por sempre me apoiarem nos estudos. À comissão técnica, o José Roberto e especialmente ao técnico João Luiz do Nascimento por sempre me incentivarem nos estudos e por me disponibilizar um aparelho de notebook para poder finalizar esse mesmo Trabalho de Conclusão de Curso. Aos meus companheiros de treino que sempre flexibilizaram os horários por conta dos meus estudos e a todos os funcionários da Garagem de remo.

Agradeço meus amigos de infância, responsáveis por momentos inesquecíveis na minha vida que me fizeram tornar o que sou hoje: Richerd Lobão, Robert Santos, Saulo Oliveira, Mateus Zeferino, Raycharles e meu companheiro de escrita desse TCC Felipe Castro de Souza.

Enfim, a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação acadêmica, meus agradecimentos.

Só Gratidão

E essa aqui eu vou cantar
Pra aquela professora
Que sempre me tirava de burro
Pros que não foi com a minha cara
E pras aquelas pessoas que eu gritei ajuda
E só se fez de surdo

Pros vizinhos lá do bairro
E umas amigas da minha mãe
Seu filho é marginal e não vai ter futuro
Mas tô aqui pra te mostrar que favelado também pode
Olha nós destravando no mundo

E aonde nós chegou
Agora é rolezin de Porsche
Mas não esqueci dos bodes
É só merecedor
Pois não desisti do corre
Tô longe dos holofotes

Minha mãe avisou
Que até os inimigos vai querer ser meu amigo
Pra tentar me derrubar, Deus abençoou
Oh, Vitória chegou

Oh, pai, só gratidão
Oh, mãe, só gratidão
Obrigado pelos seus conselhos
Vai tá sempre no meu coração

Oh, pai, só gratidão
Oh, mãe, só gratidão
De dez amigos, poucos tava ali comigo
Só Deus e Deus me deu a mão

(MC Lipi, 2020)

RESUMO

O presente trabalho objetiva analisar, através de experiências vividas na escola por um grupo de estudantes finalistas e egressos do curso de Educação Física, as relações entre as vivências com o ritmo musical/movimento *Funk* ao longo da vida e a abertura para trabalhar com esse ritmo, como prática corporal, em suas aulas. O trabalho teve como foco as percepções dos sujeitos sobre o Funk no estado do Espírito Santo, onde todos os sujeitos pesquisados residem. Para isso, enviamos questionários on-line para alunos finalistas e professores recém-formados do curso de licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo, que ingressaram em 2016, nessa mesma universidade. Contou com 21 participantes que foram perguntados sobre suas lembranças de contato pedagógico ou apenas cultural com o Funk dentro do ambiente escolar e também no processo de formação no ensino superior. Também questionamos aos participantes sobre os modos de se trabalhar com o funk nas suas práticas profissionais. Considera a necessidade de trabalhar o *Funk* dentro das aulas de Educação Física, pois muitos elementos podem ser explorados, em diferentes contextos, orientando práticas educacionais emancipatórias e possibilidades para o enfrentamento das questões sociais. Por fim, práticas pedagógicas não podem ser ignoradas na escola, é preciso ressignificar o *Funk*, de acordo com sua origem, sem vulgaridade e influências opressoras e pejorativas, considerando como estilo musical e corporal que faz parte da nossa cultura.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.2	Tema e problematização.....	10
2	NOSSAS APROXIMAÇÕES COM O FUNK	14
2.1	Minha Raiz, Associações e Escolhas (Felipe de Castro)	14
2.2	O Funk: de forma de lazer até virar um TCC (Wallace Rocha)	17
2.3	As razões da escolha do tema	19
2.4	Objetivos	21
2.5	Percursos Metodológicos	22
3	REVISÃO DE LITERATURA	24
4	ANÁLISE DE DADOS: O FUNK NA ESCOLA E NA FORMAÇÃO	35
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
6	REFERÊNCIAS	51

1 INTRODUÇÃO

1.2 Tema e problematização

Esse trabalho tem o objetivo de analisar, através de experiências vividas na infância por um grupo de estudantes finalistas e egressos do curso de Educação Física, as relações entre as vivências com o ritmo musical/movimento FUNK ao longo da vida e a abertura para trabalhar com esse ritmo, como prática corporal, em suas aulas. Para isso, partimos da ideia de que esse movimento cultural é amplamente conhecido em nossa atual sociedade, assim trazendo um ponto de questionamento para os sujeitos deste estudo (estudantes de graduação e professores recém formados), sobre a abertura dos mesmos, para tomarem o movimento cultural FUNK como objeto de ensino/aprendizagem com seus alunos.

Resolvemos explorar essa temática devido a vislumbrarmos possibilidades curriculares que garantam espaço para as questões de diversidade cultural e a identidade sociocultural dos diversos grupos sociais que compõem nossa sociedade.

De certo modo, o *Ritmo FUNK* está presente na vida da grande maioria dos moradores das favelas brasileiras, por ser o principal lugar onde acontecem os eventos de bailes FUNK. Originados nos anos 1970, trata-se de um Movimento importado. Segundo Medeiros (2006, p. 14), “Descendente direto do soul, do rhythm’n blues e do jazz, o funk nasceu oficialmente nos anos 1960 por meio de uma invenção genial de James Brown”, conhecido por ser cantor, dançarino e produtor musical norte-americano. Foi ressignificado ao longo daqueles anos, vindo a ser chamado no Brasil como *FUNK Carioca - por ser considerado um movimento que se originou nas favelas do Rio de Janeiro - e assim ganhando mais força e transformando-se na “voz” dos menos favorecidos, suburbanos e minorias, potencializando-se e chegando fora das comunidades. Lopes lembra de uma matéria veiculada no caderno de comportamento do *Jornal da Tribuna* em setembro de 1989, que destaca esse espaço alcançado pelo FUNK, onde podemos encontrar os seguintes termos: “A voz dos subúrbios já não é mais do samba, agora ela está no vinil. É que há algo além dos pagodes, na Baixada*

e nos subúrbios. É o funk ou falando em português claro, os bailes de balanço. (JORNAL DA TRIBUNA, apud LOPES, 2010, p. 31).

Esse movimento está relacionado com várias famílias e grupos sociais, a partir do momento em que os mesmos se encontram nesse meio, não só culturalmente como também financeiramente, por exemplo, a criação de oportunidades de empregos, sendo a fonte de sustento para vários moradores que utilizam os bailes que acontecem em suas comunidades, e em grande parte dos casos, por talvez ser a sua única opção de lazer. Dito isso, os exemplos são, os diversos MC's² que são em sua maioria nascidos nas favelas, os DJ's³, montadores de estruturas para as realizações dos bailes e das festas, vendedores de bebidas, ambulantes, etc. São jovens pretos, em sua maioria pobres, com muitos sonhos e vontades de mudar a vida, com propósitos e princípios criminalizados pela grande mídia com discursos classistas e elitistas.

E sendo assim, não tem como negar que o ritmo faz parte da nossa cultura, sendo ouvinte ou não. Segundo Medeiros (2006, p. 101), “[...] o Funk não precisa de ninguém para legitimá-lo como música, atitude e comportamento”. Considerando a ampla área da Educação Física com seus diferentes conteúdos e por nós, autores deste TCC, termos uma aproximação pessoal com o tema, decidimos, na relação com os temas transversais, objetivá-lo como foco da nossa pesquisa, trazendo reflexões sobre possibilidades de intervenções com os sujeitos.

As culturas são produzidas pelos grupos sociais ao longo das suas histórias, na construção de suas formas de subsistência, na organização da vida social e política, nas suas relações com o meio e com outros grupos, na produção de conhecimentos, etc. A diferença entre culturas é fruto da singularidade desses processos em cada grupo social (BRASIL, 1997, p. 19).

Sabendo que o Ritmo FUNK está ganhando o seu espaço entre milhares de jovens - assim como foi no seu local de nascimento com os jovens norte-americanos - começando no Rio de Janeiro e ainda sofrendo grande preconceito, mas conseguindo se estabelecer nos demais estados do Brasil, acreditamos ser necessário tratarmos e trazermos essa discussão para o nosso meio de ensino.

Considerando que o *Ritmo Funk* faz parte da vida das crianças e dos adolescentes que vão às escolas das áreas periféricas, nos perguntamos se ele pode ser tomado como conteúdo de ensino-aprendizagem. Como o *Ritmo Funk* se faz presente para os sujeitos que frequentam as escolas? Como professores, sabendo e tendo que considerar que a realidade dos estudantes não pode ser negligenciada, como esse elemento da cultura pode ser incorporado ao trabalho pedagógico? É a partir de uma metodologia de pesquisa exploratória/questionário que pretendemos realizar nossa pesquisa, trazendo esse debate e buscando responder a alguns desses questionamentos.

Gostaríamos, antes de tudo, de situar o caminho percorrido para realização deste trabalho de conclusão de curso, pois, inicialmente, os sujeitos envolvidos eram outros e a escola era nosso locus de investigação. No início, nós gostaríamos e até começamos fazendo uma pesquisa em duas escolas públicas municipais de Vitória-ES: uma escola localizada na periferia, escolhida por nós autores por ser a mesma instituição em que frequentamos no nosso período de ensino fundamental, “EMEF Otto Ewald Júnior”, no bairro Itararé; e em uma escola localizada em um bairro considerado de classe média alta, em Jardim da Penha. Nossa ideia era apresentar e explorar possíveis diferenças e proximidades da relação do FUNK com os alunos de cada instituição/escola, considerando a localidade em que o sujeito estuda e reside, e assim realizar uma “comparação” e talvez a descoberta de diferentes pontos de vistas desses indivíduos. Porém não conseguimos sustentar essa ideia devido à situação enfrentada em nosso país e no resto do mundo, a pandemia chamada de Coronavírus, ocorrida e ao momento de quarentena, causada pela disseminação da COVID-19.

Entendendo que nós não iríamos conseguir frequentar as instituições para iniciar as pesquisas e as mesmas estariam fechadas para impedir a contaminação pelo vírus, tivemos a ideia de prosseguir com a pesquisa enviando formulários on-line para os alunos do 9º ANO das instituições de ensino fundamental do município de Vitória-ES, pois as mesmas desenvolveram e iniciaram aulas em EAD (ensino a distância), mas essa ideia também não tomou o curso que desejávamos, por conta do atraso da liberação pela Secretaria Municipal de Educação (SEME/PMV), cujo funcionamento sofreu alterações também em decorrência do distanciamento social. Buscando

alternativas para manter essa temática tão pouco trabalhada nos ambientes acadêmicos, juntos com a nossa orientadora, a professora Rosianny Berto, chegamos a este ponto de pesquisa, de enviar por meio de questionários, aos nossos colegas de graduação, questionamentos sobre suas vivências no ensino básico, incorporando perguntas sobre seus processos de formação no nível superior, mantendo, assim, a temática original e observando o modo como estudantes da Licenciatura e professores de Educação Física, veem o FUNK na escola.

A partir dessas palavras iniciais, passamos a compartilhar as razões da escolha desse tema, a partir de nossas experiências pessoais.

2 NOSSAS APROXIMAÇÕES COM O FUNK

2.1 Minha Raiz, Associações e Escolhas (**Felipe de Castro**)

Pouco mistério nem mesmo incertezas no momento exato da minha escolha sobre o que seria o tema central do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Claro que com bastante preocupação, pensando se seria viável e se daria certo ou não, e se eu conseguiria desenvolver algo realmente bom, de agrado, mas em mente que eu teria que escrever algo relacionado a isso (o conteúdo). No caso o ritmo conhecido como FUNK, imaginado obviamente em como seria possível realizar de forma bem elaborada e criativa, para ser prazeroso tanto a leitura de quem futuramente se interessar em buscar sobre, quanto nas horas de escrita trabalhadas na produção do mesmo por mim (até o momento, estava disposto a escrever sozinho).

Tive a primeira ideia ou o que passaria a ser a ideia inicial, a partir de um momento de uma certa aula na disciplina de “Educação Física no Ensino Fundamental” ministrada pela professora Rosianny Campos Berto. Na aula em questão foi pedido para que nós discentes levássemos/produzíssemos um pequeno texto sobre algo cultural que existe ou já existiu em nossos bairros ou nas proximidades do mesmo, no momento de *brainstorm* pensei primeiramente em escrever sobre a escola de samba presente no meu bairro; “Gres” Pega no Samba, sobre a corrida de carrinho de rolimã que acontecia anualmente no bairro vizinho e, pensando mais um pouco, talvez sobre o Congo, também realizado anualmente, sobre o campeonato de futebol das comunidades que estava acontecendo naquele período do ano de 2017, até que, por dois motivos determinantes, eu enxerguei uma opção que não me passou pela cabeça até aquele momento.

O primeiro motivo em questão foi ver que os meus amigos de sala estavam discutindo e escolhendo praticamente os mesmo assuntos, seguindo um padrão, conversamos por via do aplicativo de mensagens WhatsApp, assim percebendo que se eu escrevesse sobre alguma dessas alternativas que eu tinha mencionado, eu não estaria sendo “distinto” ou original, pois alguns deles, como dito, iriam produzir algo semelhante, algo relacionado a algum esporte ou como um dos meus amigos que estava escrevendo, sobre uma escola de samba que existe nas proximidades do

bairro dele. E convenhamos que o interessante é escrever algo fora do fluxo, certo? O outro motivo, foi que naquele início de noite onde eu planejava sobre o que escrever, estava começando uma edição do baile *FUNK* da minha comunidade que ocorria tanto em dias “normais” da semana como também nos finais de semana (naquela época), logo me veio em mente a possibilidade desse evento ser o tema da minha produção para a aula, extremamente fora do padrão, assim pensei.

Depois de produzido e no momento após ter apresentado para a sala e para a professora o texto, que modestamente dizendo, foi elogiado por ambos, a professora em específico comentou que aquilo poderia ser transformado em um projeto de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) se eu investisse na ideia, e naquele momento, a nossa turma começava a pensar e se preparar para isso. Foi aí que eu engavetei essa ideia até a chegada da disciplina de TCC1 onde eu decidi finalmente colocá-la em prática.

Particularmente falando, sempre entrei em algum “projeto” ou realizava decisões com um pé atrás. Nunca fui muito confiante sobre minha capacidade de produção, e isso acontece até mesmo nos dias de hoje (2021) em alguns momentos específicos. Dito isso, me senti muito mais confiante quando um amigo pessoal de longa data, Wallace Rocha, em uma conversa que tivemos em um momento de lazer pós-aula, decidimos realmente realizar juntos a produção do TCC, isso claramente foi de grande valor pois, contextualizando historicamente nossa amizade, posso dizer que vivemos uma fase que foi crucial para essa tomada de decisão de realizarmos junto a criação e produção desse projeto e escolha do tema.

Primeiro irei falar de como possivelmente conheci o *Ritmo FUNK*, e falar desse contato é bem complexo na verdade. Minha relação com o mesmo acredito vir desde a infância, principalmente na escola de EMEF Otto Ewald Júnior, onde eu tive a primeira experiência em participar de algo “artístico” do movimento, pois lembro-me que a escola devido a sua carência e por ser um bairro periférico, criava diversos meios para que fizesse com que os alunos permanecessem “interessados” no ambiente escolar. Eu, por exemplo, participei por dois anos em um projeto de dança (não me recordo o nome) que tinha como um dos ritmos de ensino o *FUNK* Trabalhávamos especificamente o passinho, além do Hip Hop, Frevo e músicas do Congo, chegando,

inclusive, a desfilarem no centro da cidade no desfile de 7 de Setembro, além de nos apresentarmos em diversos outros lugares. Não só nesse meio de projetos, mas sim no ambiente escolar em si com os outros alunos, conheci e fiz diversas amizades que me apresentavam os FUNKS do momento, naquela época, o que eu buscava “sozinho” eram músicas relacionadas ao que minha mãe me apresentou (músicas internacionais para ser exato, pois ela gostava de escutar um cantor de Hip Hop internacional, assim me influenciando a escutar também, além de curtir muito o cantor, compositor e dançarino Michael Jackson, o rei do pop, me incentivando bastante no projeto de dança. Então, quando essas amizades da escola me apresentaram esses produtos brasileiros eu pude me identificar muito mais com o gênero, talvez também por querer estar no meio desse grupo de amigos eu involuntariamente tive essa aproximação mais fácil com o ritmo, pois eu “teria que escutar” para não ser o “diferente” da rapaziada (não que isso seja errado, mas na minha mentalidade na época era necessário), ou simplesmente por ver muitas das verdades que aconteciam e acontecem na comunidade sendo expostas nas letras.

Especificamente naquela época do ensino fundamental, a minha família nuclear em geral não aceitava o ritmo musical do qual venho falando nesse texto, talvez por algum motivo religioso, pois minha família é cristã e naquela época o FUNK era bem discriminado neste meio. Hoje em dia o diálogo entre a religião e o FUNK acredito ser mais aceitável, tanto que, existe agora uma vertente do FUNK conhecida como *FUNK GOSPEL*, e devido a eu ter um comportamento que para eles era adequado e conseguir me dar bem nas matérias escolares, eles aceitavam que eu escutasse. Eu tive uma grande liberdade nesse sentido de busca de conteúdo, mas nunca permitiram que eu fosse para um baile, por exemplo, até porque minha idade na época também não era a “ideal” para sair de casa e ir em qualquer evento, segundo eles.

Chegando no ensino médio, a maioria do ciclo de amigos continuou, e foi daqui que começamos a frequentar os bailes ou “sociais” que ocorriam na região, muitas vezes escondidos dos familiares: nós dizíamos que estávamos indo para o pagode que era mais aceitável, até dizer que eu estava indo para o cinema/shopping eu dizia, mas acredito que minha mãe sabia ou tinha idéia sobre isso. Nesses casos sempre voltava cedo para casa para não causar suspeitas maiores. Alguns exemplos dos bailes que íamos era: “Baile do Nazaré” (Jesus de Nazaré), “Baile do Garrafa” (Morro do Garrafa),

“182” (Morro do Alagoano), “Baile do SB” hoje conhecido como “Baile da 12” (Morro do São Benedito), entre outros. E foi no ensino médio também que surgiu (ou pelo menos ficamos sabendo naquele momento) a moda de dar nome aos grupos de amigos que sempre estavam juntos, os famosos “bondes”. Dito isso, criamos o nosso, chamado “bonde do UC”, grupo que está “vivo” desde 2011 no aplicativo de mensagens *WhatsApp*, e desse grupo encurtando todas as nossas histórias, um dos amigos se tornou empresário de MC’s da região, além de produtor musical de FUNK; outro se tornou DJ, fazendo disso realmente a suas profissões. Wallace que é meu companheiro de TCC, já citado anteriormente, fez uma música na época, apenas como uma atividade de Lazer, uma “brincadeira”, pois nós escrevíamos e realizamos *freestyles* nos momentos da nossa diversão.

É válido dizer que a minha entrada nesse movimento foi basicamente assim: devido a diversas vivências que tivemos, era, e continua sendo um meio que me faz e fez sair da exclusividade e zona de conforto. Criei laços de amizades fortes e vivos até hoje, apesar de não frequentar mais os bailes como antigamente, e estar agora me envolvendo com outro movimento também periférico, conhecido como Hip Hop. Mas isso é história para outro texto.

2.2 O Funk: de forma de lazer até virar um TCC (Wallace Rocha)

No meu primeiro período na UFES com a disciplina “Educação Física, Formação Docente e Currículo” ministrada pelo professor Francisco Caparroz, fomos questionados a pensar métodos de ensinar um determinado conteúdo e que os alunos se interessassem e tivessem prazer em aprender. O professor pediu que os grupos montassem apresentações e trouxessem para a aula exemplos. O meu grupo escolheu um vídeo de uma apresentação de matemática que vivenciei quando era aluno do ensino médio. O professor que ministrava essa disciplina, chamado Jonathan, propôs que os alunos das três turmas de segundos anos fizessem paródias com o conteúdo de matemática que foi ministrado durante o ano. Ele criou seletivas internas para que os alunos produzissem e escolhessem a melhor de cada turma. Minha turma escolheu a música *Prepara*, da cantora Anitta, e falou sobre trigonometria. Depois, o professor fez um pequeno show de talentos com as três

turmas para que os jurados escolhessem a melhor paródia, com banda e coreografia. Os alunos se dedicaram bastante a esse trabalho, pois poderia ser utilizado durante provas. Apresentei esse trabalho para o professor Caparroz e o mesmo elogiou a forma que o professor Jonathan trabalhou com a problemática de os alunos não terem interesse na matéria.

Desde então fiquei com isso na cabeça, de procurar algo ou até mesmo na minha prática profissional usar algo relacionado ao Ritmo FUNK com uma forma de me aproximar dos alunos.

Foi quando alguns períodos depois, conversando com um amigo pessoal e acadêmico, Felipe Castro, entramos nesse assunto e ele me fez o convite de fazer o TCC nessa temática em dupla.

Minha vida sempre foi ligada à música. Desde muito novo me recordo das minhas tias ouvindo muito pagode e axé, mas no ensino fundamental eu tive um contato maior com o FUNK. Na minha casa ainda era muito raro ouvir FUNK, por muitos não era visto como um conteúdo adequado para minha idade na época. No ensino fundamental conheci o meu parceiro de TCC, Felipe de Castro. Éramos apenas colegas de escola sem ao menos ser da mesma turma. Fomos crescendo e tendo mais contato com o Ritmo FUNK, por conta da região que morávamos ser periférica, bairro Itararé, onde grandes bailes eram promovidos com atrações nacionais. Era um sonho frequentar esses bailes, mas meus pais não permitiam nem ouvir em casa.

No ensino médio fomos estudar em uma escola na Praia do Canto, bairro nobre de Vitória, junto com alguns amigos da nossa antiga escola, EMEF “Otto Ewald júnior”, onde criamos um grupo e começamos a sair juntos no nosso tempo de lazer, chamado de “bonde do UC”. Além de sair para bailes e pagodes, começamos a promover pequenas festas, algumas liberadas ao público e outras fechadas para amigos próximos, festas chamadas de “socis” ou “sociais”. Com isso, alguns amigos desse bonde de que fazemos parte até hoje, foram entrando cada vez mais no mundo do FUNK e virando DJ’s e produtores de uma empresa de FUNK famosa no cenário estadual e nacional. Eu escrevi algumas letras e cheguei a cantar em uma das sociais que produzimos.

Com isso, vejo que o FUNK me acompanhou e está acompanhando minha vida. E agora, com a chegada do momento do TCC, sinto a necessidade de ajudar o acervo de pesquisa com essa temática.

Procurando alguns artigos com fins acadêmicos, sentimos falta de artigos relacionados ao Ritmo FUNK no âmbito escolar, e para fins da revisão bibliográfica podemos comprovar a falta de estudos nessa área que está crescendo entre os jovens das nossas comunidades.

2.3 As razões da escolha do tema

Para uma compreensão da escolha do tema, nós os autores - Felipe Castro e Wallace Rocha - decidimos partir da nossa própria experiência de vida escolar, social e cotidiana. Por isso, consideramos necessário contextualizar historicamente nosso envolvimento com a prática que vamos problematizar neste trabalho de conclusão de curso.

Crescemos e ainda vivemos nessa realidade de comunidade, lugar que o Ritmo FUNK foi sendo desenvolvido ao passar dos anos como já dito. Consequentemente, no nosso dia a dia, convivemos com esse ritmo, ritmo que é um dos mais escutados no Brasil e exportado para fora atualmente, perdendo apenas para o sertanejo e a MPB, segundo a Folha de S. Paulo, tendo um sucesso ainda maior internacionalmente:

Figura 1 – Os estilos que mais tocam no Brasil



Fonte: Site da Folha de S.Paulo (2019) - UOL¹

Possivelmente, o FUNK é um dos ritmos que mais cresceu e continua crescendo no Brasil. Segundo Medeiros (2006, p. 11), é um movimento que “[...] atravessou fronteiras sociais e geográficas e é hoje idolatrado no exterior como uma inovadora e revolucionária música eletrônica brasileira”, abrangendo várias vertentes culturais, influenciando também a moda. Escolhemos essa temática de pesquisa com o objetivo de analisar, através de experiências vividas na infância por um grupo de estudantes finalistas e egressos do curso de Educação Física, as relações entre as vivências com o ritmo musical/movimento FUNK ao longo da vida e a abertura para trabalhar com esse ritmo, como prática corporal, em suas aulas.

Assim, podemos afirmar que essa pesquisa tem uma contribuição muito importante na nossa formação acadêmica e social, para conhecermos como se comportavam os alunos e agora professores, ao perceberem que o ritmo FUNK e suas múltiplas variações (modo de se vestir, de falar, de dança e as suas músicas conhecidas pelas suas batidas inconfundíveis), está no ambiente escolar, como pode ser trabalhado e se será trabalhado como um processo de ensino-aprendizagem junto com os alunos.

¹ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/10/funk-e-o-genero-musical-brasileiro-mais-ouvido-em-paises-estrangeiros.shtml>

A ideia é que ao final da pesquisa tenhamos uma base para pensarmos possibilidades de intervenção e aproximação dos alunos no meio desse ritmo.

Essa pesquisa também tem o intuito de contribuir socialmente com seus resultados para a comunidade do entorno do ambiente escolar e acadêmico, indicando como os professores que irão participar da pesquisa enxergam o Ritmo FUNK. Tentando mostrar que indícios das relações entre o ritmo FUNK, sua presença em um ambiente e o cotidiano das comunidades, já que alguns moradores vivem do trabalho com esse ritmo, como MC's, DJ's, vendedores ambulantes e montadores de estruturas para bailes/festas.

Já no meio acadêmico, esse trabalho pode ajudar a compor um acervo maior de pesquisa nessa temática, que nos dias de hoje não são tão extensos, como podemos concluir a partir das dificuldades que tivemos na revisão bibliográfica. No campo pedagógico, podemos também indicar como os professores de Educação Física estão e se estão trabalhando com esse ritmo musical como um conteúdo disciplinar no ambiente escolar, já que, com base na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), na unidade temática Danças, o objetivo de conhecimento sugerido envolve as danças urbanas, com uma das justificativas: "Diferenciar as danças urbanas das demais manifestações da dança, valorizando e respeitando os sentidos e significados atribuídos a eles por diferentes grupos sociais" (BRASIL, 2018, p. 233).

2.4 Objetivos

Diante das questões apresentadas, essa pesquisa tem o objetivo principal de analisar, através de experiências vividas na infância por um grupo de estudantes finalistas e egressos do curso de Educação Física, as relações entre as vivências com o ritmo musical/movimento FUNK ao longo da vida e a abertura para trabalhar com esse ritmo, como prática corporal, em suas aulas. com a ajuda de egressos do curso de Educação Física-Licenciatura recém formados na UFES, por meio de questões feitas aos mesmos, e em busca de compreender, também, como a escola vem se relacionando com esse ritmo popular, inclusive nas suas atividades de ensino.

Com o questionário nós temos o intuito de mostrar uma quebra de paradigmas, ao mostrar as concepções e entendimentos dos acadêmicos de Educação física e professores recém formados entrevistados sobre o Ritmo FUNK, e que o mesmo pode ser um movimento cultural somativo e qualitativo para formação escolar e social, abrindo espaço para as vozes para as classes não ouvidas, censuradas, incluindo os jovens que o utilizam como forma de expressão.

2.5 Percursos Metodológicos

Nossa ideia principal para iniciar a modulação do projeto, passaria pelo pressuposto de uma pesquisa exploratória, ou seja, uma “observação” do contexto escolar para identificar quais as formas que materializam a presença do FUNK para os alunos. Foi realizado, no início, uma aproximação com duas escolas, mas como explicamos na introdução, tivemos que mudar o rumo do projeto, e assim com base nas respostas dos questionários que iremos explorar a seguir daremos continuidade, levando em conta que “A pesquisa exploratória busca apenas levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse objeto. [...]” (SEVERINO, 2007, p. 123).

Nós criamos e aplicamos um questionário através da plataforma "Formulários Google", que além de proporcionar uma coleta de dados mais precisa é uma ferramenta prática, que pode ser compartilhada por meio de aplicativos de mensagem e e-mails. A pesquisa foi realizada pelos estudantes finalistas e recém-formados no curso de Educação Física-Licenciatura da Universidade Federal do Espírito Santo, em específico, da turma iniciada em 2016/1. Nós enviamos o questionário para 30 desses indivíduos e tivemos o retorno de 21 deles.

Temos o conhecimento, também, de que o questionário deve ser feito com perguntas sistematicamente articuladas, que segundo Severino (2007, p. 125), “[...] se destinam a levantar informações escritas por partes dos sujeitos pesquisados, com vistas a conhecer a opinião dos mesmos sobre os assuntos em estudo.” Sendo bem claras, formuladas para serem bem compreendidas. Foi realizada uma fase de teste, com

sujeitos de “teste” antes da aplicação oficial, visando conhecer a impressão dos colegas sobre a ferramenta e realizar os ajustes necessários.

Buscamos realizar a pesquisa com sujeitos diversos, que são ouvintes passivos (expostos), ativos (faz o uso regular) e/ou praticantes da cultura FUNK, para nossos leitores se situar, ou seja, entenderem e ficarem informados da função social que os usuários do FUNK atribuem a essa manifestação cultural no ambiente escolar.

Realizamos uma revisão bibliográfica para recolher informações históricas sobre o FUNK, sobre a sua entrada no ambiente da escola e discussões culturais sobre o mesmo, para entender porque os usuários do FUNK usam as formas identificadas e descritas, atribuindo à função social entendida e informada e assim discutir e interpretar qual a influência cultural do FUNK no processo pedagógico de uma EMEF.

Para compreender melhor essa temática, nós realizamos também, uma revisão de literatura, a partir dos nossos temas, tomando como referência os seguintes temas gerais: “Movimento FUNK na Sociedade”, “Cultura do FUNK”, “FUNK como Estratégia Pedagógica”. Assim, conseqüentemente, resolvemos filtrar os trabalhos que principalmente se relacionam com a escola, buscando os mesmos com as palavras chaves, em específico; “FUNK na escola”, “FUNK no processo de escolarização”, “FUNK como meio de intervenção pedagógica” etc. A busca por esses artigos foi realizada no Sistema Integrado de Bibliotecas da Ufes, no Google Acadêmico e em diversas plataformas de revistas científicas e periódicos de Educação Física, como : Revista Movimento, Pensar a Prática, Motrivivência, Motriz, etc, onde tivemos no início uma certa dificuldade para encontrar algo que se relacionava com o nosso tema inicial. Sobre isso, acrescentamos que, no nosso ponto de vista, é desanimador a falta de existência de produções acadêmicas com o tema “FUNK nas escolas”, devido a todo o contexto e envolvimento da juventude com o movimento, refletindo talvez uma carência universitária e social de ingresso desses indivíduos nas universidades.

3 REVISÃO DE LITERATURA

De 20 pesquisas selecionadas, as 11 que compõem esta revisão de literatura foram localizadas por meio de buscas realizadas em periódicos da Educação Física como foi dito. Esses são, principalmente: Revista Movimento, Motrivivência, Pensar a Prática, Motriz, etc, com base nas seguintes palavras-chaves: FUNK, FUNK na escola, FUNK escolar, FUNK pedagógico em espaços/bancos de dados e acervos que citados nos percursos metodológicos.

Essas pesquisas podem ser classificadas como: Artigos, Livros, Trabalhos de Conclusão de Curso, Pesquisas Jornalísticas, etc, e serão apresentadas brevemente. Considerando a intenção inicial de realizar nossa pesquisa com estudantes de escolas públicas, boa parte dos textos localizados são fruto de pesquisas realizadas com alunos em escolas. O material encontrado também contribui para realizar uma contextualização histórica do tema. Assim, a busca por diferentes tipos de textos, serviu para dar uma ideia mais ampla do que existe sobre o assunto.

Optamos por iniciar com uma apresentação dos mesmos em forma de quadro (Quadro 1), visando uma melhor organização e visualização. Na sequência, passamos ao desenvolvimento dos temas contidos nesses trabalhos e às relações possíveis entre eles, que foram de grande importância para nos situarmos com relação à nossa proposta de pesquisa.

Quadro 1 - Artigos e relatos de experiência

	TÍTULO	AUTORES	ANO	LUGAR DE PUBLICAÇÃO (Revista/Fonte)	PALAVRAS CHAVES	LINK DE ACESSO
1	A RESSIGNIFICAÇÃO DO Funk NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM UMA ESCOLA PÚBLICA DA REDE ESTADUAL DO ESTADO DO PARANÁ	Franciane Pereira Jacomin Eduardo Vignoto Fernandes	2016	Dia a dia Educação - Portal Educacional do Estado do Paraná	Funk; Dança; Indústria Cultural	http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernos/pde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_edfis_uenp_francianepereirajacomini.pdf
2	A RESSIGNIFICAÇÃO DO Funk NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM UMA ESCOLA PÚBLICA DO ESTADO DO PARANÁ (OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE NA	Franciane pereira jacomini	2016	Dia a dia Educação - Portal Educacional do Estado do Paraná	Funk; Dança; Indústria Cultural	http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernos/pde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_pdp_edfis_uenp_francianepereirajacomini.pdf

	PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE VOLUME 2)					
3	REPRESENTAÇÕES DE ALUNOS DE ENSINO MÉDIO SOBRE O Funk CARIOCA: UM OLHAR SOBRE A QUESTÃO DOS GÊNEROS	Kelton Pedro dos Santos Gonçalves	2015	Revista Linguagem	Funk; análise; mídia;	http://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/view/17
4	O RAP, O HIP-HOP E O Funk: "A ERÓPTICA" DA ARTE JUVENIL INVADE A CENA DAS ESCOLAS PÚBLICAS NAS METRÓPOLES BRASILEIRAS	Mônica do Amaral	2011	Centro Esportivo Virtual-CEV	Culturas juvenis; Cultura escolar; Eróptica; Estética crítico-social.	1; https://www.revistas.usp.br/psicous 2; p/article/view/42142/458 15
5	"O RAP E O FUNK NA SOCIALIZAÇÃO DA JUVENTUDE"	Juarez Dayrell	2002	SciELO	Juventude ; Socialização; Cultura juvenil; Sociabilidade	https://www.scielo.br/pdf/ep/v28n1/11660
6	"A NARRATIVA DA MONTAGEM DO Funk CARIOCA NO COTIDIANO ESCOLAR"	José Carlos Teixeira Júnior	2015	SciELO	Educação; Cotidiano; Diáspora negra; Montagem ; Funk.	https://www.scielo.br/pdf/es/v36n131/1678-4626-es-36-131-00517.pdf
7	"A RELAÇÃO DO Funk COM A CULTURA ESCOLAR: ENTRE DILEMAS E TENSÕES"	Fernanda Xavier Felipe Quintão Almeida Ivan Gomes	2018	Universidade Federal do Espírito Santo - UFES Pensar a Prática	Juventude . Funk. Escola.	https://www.revistas.ufg.br/fe/article/view/46910
ANAIIS DE EVENTO						
1	"FUNK "DA" ESCOLA: UMA EXPERIÊNCIA DE RESSIGNIFICAÇÃO"	Monica Rosana de Andrade Raquel da Silva Barroso Wesley Pereira dos Santos Mateus Camargo Pereira	2015	XIX Conbrace	prática pedagógica; gênero; sexualidade; PIBID.	file:///C:/Users/FILIPPE/AppData/Local/Temp/6891-25422-1-PB.pdf
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO						
1	"O ENSINO DO Funk NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO: ENTRE OS DESAFIOS E AS POSSIBILIDADES"	TAINARA ROLA FIOROTTI WELDER ROSSINI DOS SANTOS BUZATO	2018	Universidade Federal do Espírito Santo	Funk; cultura popular carioca;	https://cefd.ufes.br/sites/cefd.ufes.br/files/field/ Anexo/tainara_rola_fiorotti_e_welder_rossini_dos_santos_buzato_-_o_ensino_do_Funk_nas_aulas_de_educacao_fisica_no_ensino_medio_entre_os_desafios_e_as_possibilidades.pdf

LIVROS						
1	"FUNK CARIOCA: CRIME OU CULTURA? O SOM DÁ MEDO. E PRAZER."	JANAINA MEDEIROS	2006	Albatroz, Loqüi e Terceiro Nome - Editora	Funk; Cultura; Diáspora Negra	https://www.travessa.com.br/Funk-carioca-crime-ou-cultura-1-ed-2006/artigo/cc9c5bfc-8ab0-4f7c-bb38-66a01525dea2
2	"FUNK-SE QUEM QUISER, NO BATIDÃO NEGRO DA CIDADE CARIOCA"	Adriana Carvalho Lopes	2011	Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem - Editora Bom Texto	Funk carioca; Desempenho; Identidade; Raça; Gênero	1; https://www.academia.edu/36111469/Funk_se_quem_quiser_no_batida_o_negro_da_cidade_carioca_pdf 2; http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/270844

A nossa intenção com esta revisão literária, é compreender o modo como o Ritmo FUNK é abordado nos diversos artigos listados na tabela, reunindo resumidamente as suas ideias, informações e pesquisas que foram realizadas.

Os dois primeiros textos (um e dois) – *A ressignificação do Funk nas aulas de educação física em uma escola pública da rede estadual do estado do Paraná* e *A ressignificação do funk nas aulas de educação física em uma escola pública do estado do Paraná* – são complementares um do outro e estão publicados como volumes 1 e 2 da proposta pedagógica intitulada: *Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE*, que reúne estudos que apontam a relação entre o currículo e a cultura de massa, através de pesquisas bibliográficas, exploratórias e abordagem qualitativa. Os autores Francine Pereira Jacomini e Eduardo Vignoto Fernandes, que propõem a dança como elemento a ser trabalhado nas escolas do Estado do Paraná, entendem que "Este estudo foi muito oportuno, já que a proposta curricular de Educação Física no Estado do Paraná parte do seguinte princípio: Viabilizar o desenvolvimento de uma consciência crítica sobre o conteúdo estruturante Dança" (JACOMINI; FERNANDES, 2016, p. 13).

Assim, o objetivo principal do texto em questão foi "Despertar nos alunos o interesse de ressignificar o *Funk* brasileiro numa nova cultura corporal e resgate de valores" (p. 13), problemática que foi também orientada para a realização do mesmo, e ainda para completar essa linha de pensamento, "[...] o professor tem, por meio do currículo disciplinar de Educação Física, grande oportunidade de inserir em seu trabalho

cotidiano práticas pedagógicas inovadoras, desenvolvendo o interesse do aluno para a ressignificação do Funk” (p. 14). Para os autores,

A ressignificação do Funk na escola se faz necessário, pois irá contribuir para o crescimento da cultura corporal e identidades dos alunos, além de valores culturais e morais, analisando as consequências da exposição corporal sem nenhum pudor e assim, aprendendo diferenciar a dança do Funk americana com a dança do Funk brasileiro, assimilando conhecimentos acumulados historicamente importantes (JACOMINI; FERNANDES, 2016, p. 5).

No segundo trabalho, também publicado na proposta pedagógica do Paraná, Jacomin (2016) parte de uma pesquisa bibliográfica e uma abordagem qualitativa que envolveu uma pesquisa de campo com cerca de 35 alunos de ambos os sexos, com idades de 13 a 15 anos, em meio de uma oficina com carga horária de 32 horas, aulas expositivas, discussões, debates, pesquisas na internet, grupos de estudos e vídeos. Os autores trazem no final do segundo texto ou segundo volume, um guia de passo a passo de como implementar as atividades para os alunos e realizar esse tipo de projeto futuramente.

No primeiro momento de intervenção com os alunos é indicada uma apresentação do projeto proposto, junto aos professores, a equipe pedagógica e diretores, apresentando os subsídios sobre a História do FUNK para os alunos e os objetivos que se pretende alcançar para a comunidade escolar com o projeto. No segundo momento, ou seja, a segunda intervenção, foi programada para ser realizada uma atividade de busca do conhecimento prévio com os alunos, sobre o FUNK, com a aplicação do questionário, investigando e expondo junto aos alunos os saberes e conhecimentos que os mesmos possuem sobre o conteúdo, e o questionário composto de perguntas abertas e fechadas amplia as possibilidades de exploração.

Na terceira intervenção, é aconselhada a apresentação de uma música. Propõem como exemplo um vídeo do *YouTube*, da MC Carol de Niterói, intitulado “Não foi Cabral”, onde a cantora traz uma reflexão sobre o descobrimento do Brasil, a MC desenvolve a música como se fosse um desabafo sobre a colonização para sua professora. Após essa apresentação, Jacomini (2016, p. 10) traz uma atividade para ser realizada, atividade de “[...] relacionar a música com o espaço de vivência do aluno e com conteúdos de história”. O professor poderá dividir a sala em duas equipes, onde

cada grupo fará suas discussões e debates. Após, os alunos deverão refletir sobre o conteúdo do vídeo e pesquisar sobre o *Funk* no laboratório de informática, registrando os pontos relevantes do que encontraram” Foram listados mais 11 momentos, totalizando 14.

Refletindo sobre o distanciamento entre escola e alunos, o artigo *Representações de alunos de ensino médio sobre o Funk carioca: um olhar sobre a questão dos gêneros*, fruto de um Trabalho de Conclusão de Curso realizado na Universidade Federal de Goiás e tem como apoio a teoria da Análise Crítica do Discurso (ACD), traz também uma preocupação com a instituição e suas faltas de demandas na realidade/universo dos alunos, como algo fundamental. Falando de uma realidade mais madura, pois o trabalho realizado com alunos do ensino médio, de aproximadamente 16 anos de idade (turma de segundo ano) foi feito através de análises de músicas – aspectos positivos e negativos das letras – e um questionário de perguntas abertas e fechadas, destinado a levantar dados em relação com os sentimentos e representações do teor de seus conteúdos.

De caráter experimental, o trabalho propõe uma análise, de paradigma qualitativo, das representações que os alunos fazem de determinadas músicas de funk partindo da análise de alguns questionários respondidos por estes, que cursam o ensino médio, com relação ao efeito de sentido causado pelas letras das canções (GONÇALVES, 2015, p. 2).

A linguagem das músicas de origens africana ou atlântico negro, como é descrita no texto, é uma importante fonte para a cultura do *FUNK*, pois é considerada uma das formas de expressão primárias da cultura dos negros, negros esses que foram escravizados no Brasil, trazendo essa bagagem de identificação. Segundo Gonçalves (2015, p. 5), “As músicas eram vistas como projeções públicas e rituais entre homens negros e mulheres negras, porque representavam adaptações das circunstâncias em que viviam”.

O quarto artigo, sob o título *O rap, o hip-hop e o Funk: “a erótica” da arte juvenil invade a cena das escolas públicas nas metrópoles brasileiras*, inicialmente traz para nós o debate das formas de expressão estéticas dos jovens, relacionando a forte semelhança entre a diáspora afro-americana e afro-indígenas-brasileiras. Segundo Amaral (2011, p. 1), estamos falando de “[...] uma dimensão pouco explorada pelos

estudiosos das culturas juvenis, porém incansavelmente lembrada pelos *rappers* - do movimento hip-hop e do Funk [...]. Essa apresentação sobre a dimensão histórico-cultural permitiu que a autora rastreasse o potencial crítico que foi contido e/ou negado, senão negligenciado pela cultura escolar.

Existindo, assim, uma lacuna, ou falta de sincronia entre as expectativas dos professores x alunos, e no que se diz a respeito à escola, tem ocorrido uma perda em relação aos espaços a serem ocupados pelos alunos, ocorrendo uma defasagem que está sendo destinada a outros meios para formação. Conforme Amaral (2011, p. 1, grifo do autor), “Estamos nos referindo aqui a uma 'formação' de outra ordem, proporcionada pelo avanço no campo digital e eletrônico da indústria cultural hoje, a partir da qual os *rappers* têm promovido [...]”. Essa reflexão nos leva a perceber a necessidade de nos aproximarmos com o ritmo juvenil, mesmo ocorrendo um estranhamento de início, as mensagens diretas e atos de linguagem de certo modo constituídas de verdades, criando no jovem uma empatia pois, é vista como uma arte/movimento de dimensões excluídas socialmente, assim como se sentem os jovens. É possível, assim, mudar o olhar para o FUNK, de modo a observar que,

Em contraposição às imagens de violência e do erotismo beirando o grotesco, frequentemente associados pela mídia as manifestações do hip-hop e do Funk, buscando demonstrar como essas, ao contrário do que é comumente veiculado, envolvem, na verdade, uma série de elementos estéticos capazes de produzir uma espécie de reversão dialética [...] (AMARAL, 2011, p. 3).

Tendo o conhecimento da criminalização que sofre o movimento cultural do ritmo FUNK, imposta pela mídia, negando os seus aspectos e levando a inclusão social do mesmo, foi realizado um trabalho por cerca de três anos em uma escola pública, que atende a duas comunidades da região de São Paulo. Inicialmente foi feito um levantamento dos problemas encontrados em sala de aula e os interesses dos alunos com o que tinham de conhecimento sobre o tema do projeto - assim como os outros artigos que temos listados.

O assunto principal do quinto artigo *O rap e o Funk na socialização da juventude*, é bem sugestivo: o autor inicialmente nos aponta as dimensões onde os jovens estão se incluindo ao passar dos anos, e a forma que os mesmos buscam demarcar sua presença no mundo. Dentre as possibilidades, a música é um dos produtos mais

consumidos segundo o autor, e dentro dos movimentos musicais jovens, o Ritmo FUNK e o rap se destacam, estabelecendo e proporcionando diversão, sonhos, novas experiências, oportunidade de criação da sua própria arte. Enfim, vivem um determinado modo de ser jovem. A proposta vai em busca da compreensão dos sentidos adquiridos no processo de construção social dos jovens.

Ao dialogar com filósofos e sociólogos como Durkheim, Van Haetch e Dubet, o autor analisa o desenvolvimento das formas de socialização dos jovens, que são compreendidos como “atores” centrais, que para o autor “[...] constroem-se socialmente através das experiências sociais” (2002, p. 120). Essas experiências articulam o indivíduo.

No sexto artigo, *a narrativa da montagem do Funk carioca no cotidiano escolar*, de José Carlos Teixeira Júnior, o autor diz que o objetivo principal é discutir a possibilidade de a narrativa da montagem do Ritmo FUNK CARIOCA orientar práticas educacionais mais emancipatórias, considerando que se trata de uma prática musical da diáspora negra fortemente presente no cotidiano da escola municipal carioca de ensino fundamental. Assim, a narrativa da montagem do FUNK CARIOCA abre possibilidades bastante férteis no deslocamento das relações neocoloniais que tecem a educação escolar, mais especificamente no enfrentamento da própria questão racial. Sobretudo, pelo fato de posicionar esta mesma questão no âmbito das chamadas práticas (musicais) cotidianas.

Nesse sentido, esse trabalho se passa em uma comunidade do Rio de Janeiro em que foi implementado o processo de pacificação (as chamadas UPPs), e aponta indícios de que o ritmo FUNK e suas variáveis estão sendo proibidos dentro das comunidades. Observando isso, o professor fez uma pequena investigação no local em que trabalha e viu que os alunos queriam músicas durante o recreio, algo que já era realizado individualmente com seus celulares. O professor então sugeriu uma caixa de som com um CD e alguns dias depois um aluno pediu para tocar com um notebook de um familiar. Com isso surgiu um projeto chamado de “Gonzagão digital” pelo fato de o nome da escola ser “E.M. LUIZ GONZAGA” e o professor começou a observar o interesse dos alunos em ser DJ’s no horário do recreio e iniciou uma negociação com os estudantes, especialmente, em torno das letras das músicas. Os

fez atentar para aquelas que são enquadradas comumente como violência e pornografia, pois,

Para alguns alunos, estas letras são indiferentes; para outros, elas são parte constitutiva justamente das músicas mais interessantes e animadas; enquanto que outros tantos não se sentem absolutamente obrigados a ouvi-los na escola: 'quem quiser ouvir isso, ouve no baile e não na escola!', desabafou uma aluna do 7º ano para toda sua turma (TEIXEIRA JÚNIOR, 2015, p. 9).

Enfim, esta narrativa musical de diáspora negra, conclui o autor, “[...] no deslocamento das relações neocoloniais que tecem o sistema público de ensino [...]” (TEIXEIRA JÚNIOR, 2015, p. 12), em questões como a criminalização do funk carioca e suas letras. Tanto os alunos interessados a serem DJ’s e os professores “[...] não se apresentam apenas como simples reprodutores de determinadas habilidades, competências e procedimentos disciplinares, mas se (re)inventam, cotidianamente, como sujeitos, como protagonistas de tantos outros conhecimentos” (p. 12). Portanto, para finalizar as conclusões do autor são que, “[...] ignorar esta prática musical da diáspora negra neste importante movimento compreende uma limitação da própria noção política do *funk* carioca”(p. 12).

O artigo intitulado *A relação do Funk com a cultura escolar: entre dilemas e tensões*, de Fernanda Xavier Machado, Felipe Quintão de Almeida e Ivan Marcelo Gomes, que é fruto de uma dissertação de mestrado realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Ufes (PPGEF/Ufes), tomou por base a realização de entrevistas e de observações, em uma pesquisa de caráter etnográfico, com o objetivo de “[...] entender os elementos que dão visibilidade e invisibilidade ao *Funk* dentro de um ambiente escolar” (XAVIER; ALMEIDA; GOMES, 2018, p. 540), do município de Serra/ES.

Para tanto, esta pesquisa desenvolveu-se em uma escola de um bairro periférico do município de Serra/ES.

Os autores concluem que: “[...] tanto os alunos quanto a maior parcela dos professores enxergam a importância da visibilidade pedagógica do Funk dentro da instituição investigada” (XAVIER; ALMEIDA; GOMES, 2018, p. 549), mas os saberes

educacionais desses elementos culturais permanecem invisíveis. Terminam o texto com a seguinte fala:

[...] esse diálogo pode contribuir para um maior envolvimento dos estudantes no processo educacional ou, até mesmo, apresenta-se como um elo para intermediar possíveis conflitos que possam existir entre docentes e discentes de uma determinada realidade escolar (XAVIER; ALMEIDA; GOMES, 2018, p. 549).

Assim como as demais pesquisas, que apontam aspectos positivos da presença do FUNK na escola, um trabalho publicado nos anais do XIX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (Conbrace) intitulado *Funk “da” escola: uma experiência de resignificação*, é descrito que a participação grande dos alunos foi significativa para o desenvolver do mesmo, mas não foram totalmente atingidas as metas devido a poucas aulas ministradas e pela escassez de discussões por parte dos alunos de duas turmas que participaram da pesquisa. Neste trabalho, cinco turmas foram envolvidas (6, 7, 8 e 9 Anos), totalizando 127 alunos ao todo.

O trabalho feito com os alunos teve início com um questionário respondido por 106 deles, que deu a possibilidade dos docentes de Educação Física elaborarem aulas que levavam elementos originários do FUNK, influências, resistências e afirmativas de uma alternativa não vista pelos alunos, já que na resposta dos alunos, os mesmos tinham pouco conhecimento sobre o tema.

Apesar de não atingirmos completamente a nossa meta, foi de grande importância nossa intervenção na escola, pois levamos aos alunos um conteúdo novo que foi bem aceito, elogiado e que certamente não estaria no planejamento das aulas (ANDRADE et al., 2015, p. 3).

Um outro trabalho realizado no Cefd/Ufes foi o Trabalho de Conclusão de Curso *O ensino do Funk nas aulas de educação física no ensino médio: entre os desafios e as possibilidades*. Buscou: “[...] investigar o Funk em contexto do Ensino Médio e a partir disso propor uma possibilidade metodológica para seu ensino, enfatizando a sua manifestação cultural e utilizando seu ritmo como prática pedagógica para ensinar os temas transversais” (FIOROTTI; BUZATO, 2018, p. 8). Os autores, após apresentarem uma proposta de intervenção e realizá-la com a dança e FUNK junto aos alunos do ensino médio de uma escola do município de Cariacica/ES, concluíram: “Compreendemos que ao resgatar o contexto histórico do Funk e demonstrar através

da prática pedagógica a sua vivência corporal, permitiu que os alunos pudessem conhecer a partir de outro olhar sobre a cultura envolvida no universo do Funk” (p. 28).

Ressaltam, ainda:

Desse modo, a pesquisa oportunizou aos sujeitos envolvidos a reflexão sobre sua prática e seu meio, contribuindo assim para a formação do aluno durante o processo de ensino e aprendizagem, visto que, as práticas vivenciadas se tornaram um meio de convivência, aceitação e reconhecimento (FIOROTTI; BUZATO, 2018, p. 28).

Os autores realizaram uma pesquisa de natureza qualitativa do tipo exploratória, parecida com a do texto 1 e 2, assumindo a pesquisa ação como procedimento metodológico, assim como aulas, criação de coreografias, relacionando os passos criados com passos fora da escola, possíveis momentos de lazer supunhamos, ou até mesmos passos/movimentos cotidianos que possam ser transformados e incorporados na dança. Os autores compreendem, por fim que:

[...] é preciso que se desenvolvam projetos de ensino com a dança nas escolas. no entanto, também se faz necessários novos estudos envolvendo outros contextos culturais e outros ritmos de dança que possam contribuir para pensar possibilidades de ensino nas aulas de educação física, de modo que se proponham a desmistificar preconceitos, mesmo sabendo que existam limitações e resistências dentro da própria escola. (FIOROTTI; BUZATO, 2018, p. 30)

Entre os textos encontrados, há, ainda, dois livros. Um deles, uma escrita jornalística dedicada a quem procura informações essenciais sobre os mais variados aspectos do mundo em que vivemos, em específico, uma contextualização histórica do nascimento do FUNK, tanto na “gringa” como na chegada do mesmo aqui no Brasil (MEDEIROS, 2006). É intitulado como *Funk carioca: crime ou cultura?: O som dá medo. E prazer* e o segundo livro, resultado de uma tese de doutorado, *Funk-se quem quiser, no batidão negro da cidade carioca*” que analisa o FUNKcarioca e a relação com a diáspora africana.

Após a realização dos levantamentos de dados e informações sobre o conteúdo, conseguimos entender as passagens e possibilidades do FUNK x ESCOLA, para com que prosseguíssemos com as nossas ideias e proposta de estudo, elaboramos assim o questionário com sequências de perguntas objetivas e discursivas na tentativa de contribuir com o desenvolvimento de um pensamento crítico dos sujeitos envolvidos

(alunos) que serão apresentados em seguida. Contudo, procuramos por meio dessa pesquisa evidenciar também, outras possibilidades de sistematização do estilo FUNK nas demais disciplinas, visto que o movimento cultural do FUNK aborda o social e auxilia no processo de intelectualidade.

4 ANÁLISE DE DADOS: O FUNK NA ESCOLA E NA FORMAÇÃO

Essa pesquisa tem o objetivo de analisar, através de experiências vividas na infância por um grupo de estudantes finalistas e egressos do curso de Educação Física, as relações entre as vivências com o ritmo musical/movimento FUNK ao longo da vida e a abertura para trabalhar com esse ritmo, como prática corporal, em suas aulas. Nesse sentido, foi aplicado um questionário a 30 alunos/as (entre finalistas matriculados e egressos) de uma turma do curso de licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Os sujeitos que receberam o formulário, iniciaram o curso no período entre 2015 e 2016. Ainda que sejam da mesma turma, alguns já concluíram a graduação e já assumiram a função de professores/as, outros continuam, ainda, no processo de formação por continuarem com disciplinas pendentes. Por essa razão, não questionamos sobre suas práticas pedagógicas, mas apenas sobre a relação com o FUNK ao longo de suas trajetórias escolares e formativas e como veem as possibilidades de trabalhar com esse ritmo na escola.

Considerando a necessidade de mudança de rota da pesquisa, os questionários foram enviados aos sujeitos ao longo da primeira semana de dezembro de 2020 e o envio do *link* do formulário foi feito individualmente por meio do aplicativo de conversa *WhatsApp*. Do total dos sujeitos, apenas 21 responderam ao questionário, que solicitava que lembrassem de seus tempos de escola e também da sua formação acadêmica e respondessem as questões com base nessas memórias e impressões.

Os participantes não foram identificados por seus nomes, mas responderam algumas perguntas de identificação geral. Tivemos 12 participantes que se identificaram como sendo do gênero masculino e 9 do gênero feminino, com idades de 22 a 43 anos, sendo boa parte (7 participantes) com a idade de 23 anos. Grande parte dos participantes reside na região Metropolitana de Vitória (Grande Vitória)² e 4 participantes são de municípios do interior do estado, com residência provisória na Capital, para realizar seu curso na universidade. 14 participantes cursaram a educação básica em instituições de ensino de administração pública, Municipal e/ou Estadual, e outra parte não tão pequena, em escolas da rede privada (6 pessoas), 1

² Segundo o website <https://observavix.vitoria.es.gov.br/tema/38>, essa região é composta pelas cidades: Cariacica, Fundão, Guarapari, Serra, Viana, Vila Velha e Vitória.

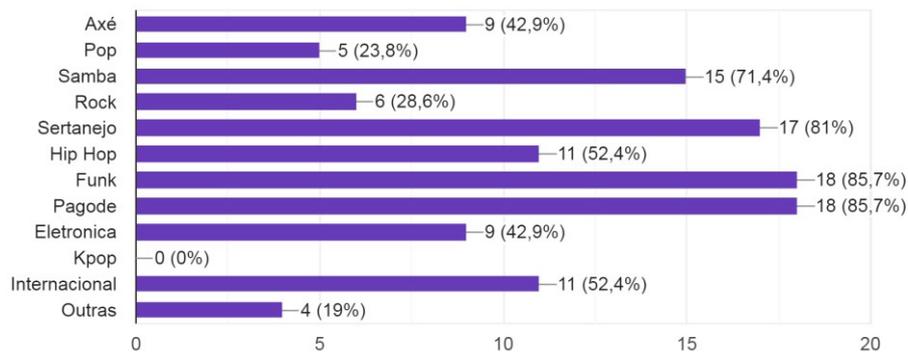
indivíduo frequentou 3 tipos de escolas diferentes: municipal, estadual e particular. Apenas um indivíduo escolheu a alternativa “ONGs e Projetos sociais”.

O segundo conjunto de perguntas do formulário, teve o seguinte título: “Aproximações com o ritmo Funk” e agregou perguntas que buscaram identificar qual a relação dos sujeitos pesquisados com o ritmo que estamos buscando analisar. A primeira pergunta desse conjunto é se os indivíduos costumam escutar músicas em geral e a grande maioria respondeu que sim. Apenas duas respostas indicaram que “as vezes”. Então, sugerimos alguns ritmos musicais que consideramos populares entre os jovens brasileiros, e sem ter um padrão de escolha, os pesquisados poderiam escolher múltiplas respostas. Observamos que o *Funk*, junto com o ritmo pagode, lidera as respostas com 85,7% dos escolhidos, seguido pelo sertanejo com 81% e pelo samba com 71,4%, como se pode ver no gráfico 1:

Gráfico 1 - Ritmos musicais mais comuns entre os participantes da pesquisa.

6.1. Quais estilos de música você mais gosta de ouvir?

21 respostas



Fonte: Google Forms (2020).

Ao perguntarmos se o público conhecia o ritmo FUNK, 100% disse que sim, o que indica que o FUNK, por ser um ritmo popular dentro das residências da população brasileira, já está ao alcance de todos. Sendo assim, projetos de leis municipais foram criados, como no município do Rio de Janeiro por exemplo, para garantir que o movimento FUNK se legitime como elemento da cultura. Outros movimentos de leis foram criados no Senado, mas não chegaram a ser aprovados. Na sequência,

perguntamos se os respondentes escutavam ou se já escutaram o ritmo FUNK . Vinte respostas indicam que sim e apenas uma resposta que dizia não.

Com isso, questionamos se os sujeitos gostavam do ritmo FUNK, e a grande maioria respondeu que gosta (33,3%) ou gosta muito (47,6%) por ser um ritmo popular que tem uma batida bem animada. Podemos identificar também que outra pequena parte escolheu a alternativa “não gosto nem desgosto” (14,3%), seriam pessoas neutras, que não se importam com o fato de o FUNK ser reproduzido ao seu redor. Apenas um participante respondeu que não gostava do ritmo FUNK.

Ainda sobre a relação dos sujeitos com o *FUNK*, tivemos também o interesse em saber se os participantes já tiveram o contato com algum tipo de festa em que esse ritmo tivesse tocado predominantemente e a grande maioria (95,2%) respondeu que já teve contato com alguma festa desse tipo. Na sequência, sugerimos, aleatoriamente, alguns tipos de festas a que o ritmo FUNK possa estar relacionado ou tocar, de modo que os participantes poderiam escolher múltiplas alternativas. A alternativa “sociais”³ foi a mais marcada, com 60% das respostas, seguida por “aniversários”, com 55%, “boates e bailes Funk” ambas tiveram 50% das escolhas, “Pago-Funks” com 35%, casamentos com 15% e a alternativa outros com 5% das respostas. Nas respostas a essa questão, podemos ver que os bailes FUNK não são os únicos e principais ambientes em que o ritmo FUNK predomina. É possível observar que ele está presente em múltiplos tipos de festas. Xavier, Almeida, e Gomes (2018, p. 3) ainda dizem que:

Pouco mais de 30 anos depois da sua entrada e consolidação enquanto ritmo brasileiro, o funk torna-se um dos maiores fenômenos de massa do país, estando presente [...] em festas de crianças, em comemorações empresariais, passando por casamentos e formaturas, configurando-se como o ponto alto da festa’ (ROSÁRIO, apud XAVIER, ALMEIDA, GOMES, 2018, p. 3).

Já no último tópico (conjunto de perguntas), que tem o título *Relações com o Funk na escola*, iniciamos perguntando sobre a época em que o acadêmico em formação ou o professor recém-formado que participou da pesquisa, já ouviu o ritmo FUNK dentro do

³ Referimo-nos a pequenas festas ou reuniões para poucas pessoas, onde todos ficam ouvindo música e conversando entre amigos e amigas.

ambiente escolar. 71,4% dos participantes responderam que sim, 28,6% que não. Destes 71,4% que responderam sim, fomos analisar individualmente as respostas, sem identificar os participantes, e observamos que 11 participantes dos 16 que responderam a alternativa “SIM” na pergunta anterior responderam que estudaram em instituições públicas ou do terceiro setor (com administrações de caráter Municipal, Estadual ou de ONGs/ Projetos Sociais); 5 participantes responderam que estudaram na rede privada. Analisamos também nas respostas desses 16 participantes a região que eles estudaram, 13 responderam que residiam na região da Grande Vitória. Apenas 3 participantes estudaram em instituições localizadas no interior do estado. Sobre isso, Xavier, Almeida e Gomes (2018, p. 542) nos lembram que, “O funk se faz igualmente presente em diversas instâncias da sociedade capixaba e, mais especificamente, na vida de muitos jovens que vivem nas periferias da região metropolitana do Estado do Espírito Santo”.

Para os que responderam sim à pergunta anterior, fizemos uma nova pergunta: em qual período tiveram contato com o *Funk*? Para isso, oferecemos algumas opções (horário de entrada da escola; intervalo entre aulas; recreio; aulas vagas; saída da escola). 60% responderam que o período do “recreio” era o momento da rotina escola no qual o FUNK podia ser mais ouvido; 20%, que era no horário de saída da escola; e outros 20%, responderam que ouviam nos intervalos entre aulas. As outras opções não tiveram respostas.

Identificamos, com as respostas acima, que o FUNK era, de alguma forma, autorizado no ambiente escolar, pois 60% das respostas dizem que o período em que os estudantes mais ouviam seria no recreio, um horário no qual há pessoas responsáveis pela escola vigiando os alunos de alguma forma, para que eles cumpram as regras propostas pela unidade de ensino. Essas respostas dialogam com as análises de Xavier, Almeida e Gomes (2018, p. 544) que, assim como seus autores de referência, apontam que

[...] os elementos culturais transportados pelos discentes para dentro do ambiente escolar circulam no meio estudantil, mas não de modo oficial, constituindo-se como um currículo oculto, fazendo parte da escola da vida, mas não da vida oficial da escola.

Nos dias de hoje - e também à época em que nossos respondentes estavam na escola - a tecnologia está muito acessível, praticamente todos os aparelhos eletrônicos de fácil transporte (celulares, *tablets* e *ipods*), reproduzem músicas. Essa facilidade de poder ouvir músicas em qualquer lugar pode explicar um pouco dessa resposta, contando um pouco da nossa própria trajetória no ensino fundamental 1 e 2 (2004 até 2011).

O local em que tivemos nosso primeiro contato com o FUNK - e podemos dizer que o maior contato também, da nossa infância - foi a escola. Dentro das nossas residências, naquela época, o FUNK era até então um ritmo não aceito pelos nossos responsáveis. Os aparelhos tecnológicos não eram tão avançados como nos dias de hoje, mas mesmo com aparelhos como o MP3, MP4, *Walkman* e o início dos celulares com a função de rádio ou reprodutores de música, nós, autores deste TCC, tivemos os primeiros contatos com esse ritmo na escola, realizados em momentos de recreio onde colegas de turma que já possuíam aparelhos, nos deixavam ouvir, quando algum professor faltava ou até mesmo dentro de aulas de Educação Física, conduzidas como uma "aula livre". Algumas rodinhas eram formadas e os alunos ouviam músicas. Na maioria das vezes era o ritmo FUNK. A regra da escola era que os alunos não poderiam utilizar aparelhos eletroeletrônicos, mas muitos professores e coordenadores faziam "vista grossa" e permitiam aos alunos ouvir músicas, desde que não perturbassem a ordem do local.

Alguns anos mais tarde foram criadas as chamadas "Rádio escola", onde alguns alunos eram voluntários e responsáveis por captar músicas e tocar durante o período do recreio. Outro acontecimento importante é que os alunos da escola poderiam dar sugestões de músicas que fossem tocar. Essas músicas passavam por professores, que analisavam para que não tivesse conteúdos impróprios com o ambiente escolar e assim a música era tocada.

O discurso dos professores responsáveis pela rádio era que sempre os alunos respeitassem o ritmo musical escolhido pelos colegas, mas temos recordações de professores antigos da própria escola dizendo que algumas músicas não deveriam estar ali naquele ambiente. Usando essa lembrança de gatilho, podemos também afirmar que a música, mais especificamente o FUNK, era sim permitido no horário do

Recreio por autoridades da escola, da própria instituição. Voltando às respostas dos sujeitos da pesquisa, não podemos afirmar da mesma forma nas outras alternativas marcadas que foram: “intervalos entre aulas” e “horário de saída”, pois são horários que não especificamente teria funcionários acompanhando os alunos, então, nós não podemos dizer que nesses 2 períodos ouvir o ritmo FUNK era permitido.

Quando foi perguntado se o FUNK já foi trabalhado ou apresentado pelos professores da educação básica dentro do ambiente escolar, 71,4% disseram que “não” e 28,6% responderam que “sim”. Continuamos perguntando aos que responderam sim na pergunta anterior, em qual disciplina foi trabalhado e 100% alunos que responderam “SIM” na pergunta anterior, dizia que foi na Educação Física.

Isso talvez tenha relação com aquilo que estava indicado nos Parâmetros Curriculares Nacionais para a Educação Física, publicado ao final dos anos 1990, que indica a necessidade de se trabalhar com atividades rítmicas e expressivas, que dialogassem com as culturas regionais e locais. Segundo esse documento:

Todas as culturas têm algum tipo de manifestação rítmica e expressiva. No Brasil existe uma riqueza muito grande dessas manifestações. Danças trazidas pelos africanos na colonização, danças relativas aos mais diversos rituais, danças que os imigrantes trouxeram em sua bagagem, danças que foram aprendidas com os vizinhos de fronteira, danças que se vêem pela televisão. As danças foram e são criadas a todo tempo: inúmeras influências são incorporadas e as danças transformam-se, multiplicam-se. Algumas preservaram suas características e pouco se transformaram com o passar do tempo, como os forrós que acontecem nas zonas rurais, sob a luz de um lampião, ao som de uma sanfona. Outras recebem múltiplas influências, incorporam-nas, transformando-as em novas manifestações, como os forrós do Nordeste, que incorporaram os ritmos caribenhos, resultando na lambada.

Nos centros urbanos existem danças como o *funk*, o *rap*, as danças de salão, entre outras, que se caracterizam por acontecerem em festas, clubes, ou mesmo nas praças e ruas. Há também as danças eruditas, como a clássica, a contemporânea, a moderna e o jazz, que podem às vezes ser apreciadas na televisão, em apresentações teatrais, e que são geralmente ensinadas em escolas e academias. Nas cidades do Nordeste e do Norte do país existem danças e coreografias associadas às manifestações musicais, como a timbalada ou o olodum, por exemplo (BRASIL, 1998, p. 72).

Atualmente, está em vigência a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que de algum modo reafirma a importância da dança e das formas de expressão regionais e comunitárias e/ou de origem africana e indígena. O documento propõe como objetos do conhecimento o seguinte: para o 1º e 2º anos, as danças do contexto comunitário

e regional; para o 3º ao 5º ano, as danças do Brasil e do mundo e as danças de matriz indígena e africana. Para os anos finais do ensino fundamental, as orientações são: para 6º e 7º anos, as danças urbanas e para 8º e 9º anos, as danças de salão. Para cada um desses anos, as habilidades indicadas são, respectivamente, as seguintes:

(EF12EF12) Identificar os elementos constitutivos (ritmo, espaço, gestos) das danças do contexto comunitário e regional, valorizando e respeitando as manifestações de diferentes culturas (BRASIL, 2017, p. 227).

(EF35EF12) Identificar situações de injustiça e preconceito geradas e/ou presentes no contexto das danças e demais práticas corporais e discutir alternativas para superá-las (BRASIL, 2017, p. 229).

(EF67EF11) Experimentar, fruir e recriar danças urbanas, identificando seus elementos constitutivos (ritmo, espaço, gestos) (BRASIL, 2017, p. 233).

(EF67EF12) Planejar e utilizar estratégias para aprender elementos constitutivos das danças urbanas (BRASIL, 2017, p. 233).

(EF67EF13) Diferenciar as danças urbanas das demais manifestações da dança, valorizando e respeitando os sentidos e significados atribuídos a eles por diferentes grupos sociais (BRASIL, 2017, p. 233).

A próxima pergunta foi se o ritmo FUNK foi trabalhado ou apresentado em alguma disciplina no processo de formação no nível superior. 73,7% responderam que sim e 26,3% que não. Lembramos que essas respostas são a partir da memória dos participantes durante sua formação na educação básica e superior. Para os que responderam positivamente, perguntamos em qual disciplina foi trabalhado ou apresentado o ritmo FUNK e a grande maioria que respondeu “sim” na pergunta anterior, relatou que, no caso da graduação na Ufes, essa relação aconteceu nas disciplinas Oficinas e Atif de Docência da Dança. Alguns alunos incluíram a disciplina “Conhecimento e Metodologia do Ensino da Dança”, também. Outras respostas lembraram vivências propostas por alunos na disciplina de “Seminário Articulador de Conhecimentos” e “Didática”. Alguns sujeitos responderam que não sabiam e outros não lembravam da presença do FUNK nas disciplinas, mas disseram que, sim, tiveram contato com o FUNK ao longo da formação inicial.

Queremos destacar que, em nossa percepção com base nessa resposta, o FUNK é apresentado e trabalhado com os futuros professores de Educação Física, na universidade, na maioria das vezes em relação com as matérias e disciplinas de

dança, nas quais costumam-se, também, debater problemáticas que envolvem o preconceito estereotipado sobre o ritmo FUNK, discutindo sobre os valores negativos e positivos que ele carrega socialmente e culturalmente.

Fomos apresentados a um projeto social no qual a professora Rosely Silva Pires, responsável pelas disciplinas de Oficina de Docência em Dança e Atif da Docência em Dança, elaborou um festival, no ano 2016 (Figura 1), e uma visita técnica, no ano de 2017,⁴ onde nós apresentamos uma coreografia que foi elaborada por nós mesmos nos momentos de aula. Esse projeto social trabalhava com o público infantil e as mães das crianças e a apresentação realizada tinha um peso nas nossas notas finais das disciplinas.

Figura 1 - Visita ao Projeto Social.



Fonte: Acervo dos autores.

⁴ Nós, os autores, realizamos as disciplinas mencionadas em diferentes anos da formação: Felipe em 2016 e Wallace em 2017.

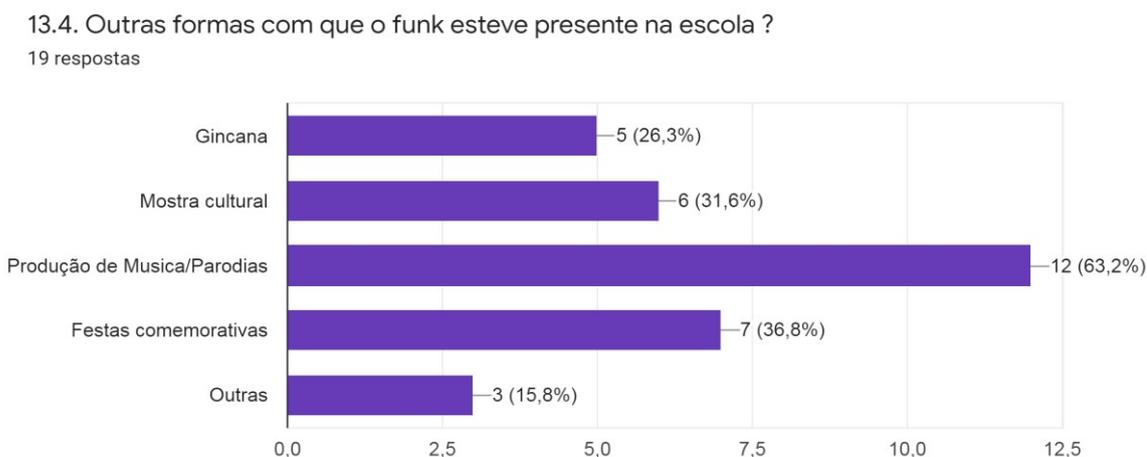
As vivências corporais que tivemos nas aulas, foram tanto para nos aproximarmos da cultura jovem das escolas e do projeto, como para nosso conhecimento, pois a professora acreditava que nós como futuros professores tínhamos o dever de em nossas aulas, em algum momento, fazermos o mesmo com os nossos alunos. Além do FUNK (Passinhos), fomos apresentados a danças de salão (Bolero, Samba de Gafieira e Forró) e ao Hip hop (*Break Dance* e *Graffiti*). Quando estávamos trabalhando com o Hip hop e aprendendo o *Break*, nós tivemos que elaborar ao final do conteúdo, uma coreografia com os movimentos que aprendemos. Deveríamos apresentar algo novo, como passos “inventados” e também compor uma música falando sobre algum problema social.

Acordei cedo
 naquela disposição
 mas eu não me preparo para pegar um busão
 pego mesmo assim contra minha vontade
 passa um sufoco para chegar na faculdade
 olha que absurdos esses nossos governantes
 botaram a tarifa com o valor exorbitante
 “mano” 3,20 na real é um assalto
 mas se eu não pago já sou marginalizado
 “mano” 3,20 na real é um assalto
 mas se eu não pago já são marginalizado (ROCHA, 2017).

Nós escolhemos uma batida de FUNK e atribuímos a essa composição, a proposta da aula como dito anteriormente era fazer uma crítica a problemas sociais, escolhemos falar da dificuldade que alguns alunos passam para chegar até a universidade utilizando o transporte público e também falar do valor que estava na época de 3,20, um valor que já era considerado alto naquela época para as condições de superlotação dos transportes públicos que alguns alunos enfrenta logo pela manhã para chegar nas suas instituições de ensino.

Perguntamos também aos participantes se o FUNK já esteve presente dentro da escola em que estudaram quando crianças, em “gincanas, mostras culturais, produção de músicas/paródias, festas comemorativas e outros”. A maioria respondeu que esteve mais vinculado à produção de músicas e paródias, com 63,2% das escolhas. As demais respostas envolveram a presença do FUNK em festas comemorativas (36,8%), mostras culturais (31,6%), gincanas (26,3%) e outras formas (15,8%). Essas respostas podem ser vistas em detalhes no Gráfico 2.

Gráfico 2 - Formas que o funk esteve presente na escola.



Fonte: Google Forms (2020)

Com essas respostas, podemos ver novamente que o FUNK está dentro do ambiente escolar de uma forma autorizada pelo corpo pedagógico mas um pouco distante das salas de aula.

Quando perguntamos aos participantes se eles acreditavam que o ritmo FUNK poderia ser trabalhado na escola como conteúdo destinado ao ensino e à aprendizagem, 95,2% responderam que sim e apenas 4,8% responderam que talvez.

É possível que os participantes por serem consumidores (ativos e passivos), e terem um certo contato positivo no ensino superior e por conta da sua criticidade com o movimento FUNK e sua potencialidade, estejam dispostos a quebrar alguns paradigmas existentes, desconstruindo possíveis preconceitos impostos pela sociedade. Para Fiorotti e Buzato (2018, p. 15) “[...] não é simplesmente um estilo, mas tem o seu valor cultural, sendo em alguns casos usado como ferramenta à opressão, denúncias, reflexão, entre outros temas, ampliando assim a possibilidade de trabalho dentro do ambiente escolar” (p. 14). Para os autores,

Apesar de já terem quebrado vários pretextos sobre a criminalização do funk, ainda existe uma forte oposição que crê que tal gênero musical representa a marginalidade das periferias brasileiras, chegando em alguns casos a repudiar veemente a escuta de tais músicas, feitas as ressalvas de algumas

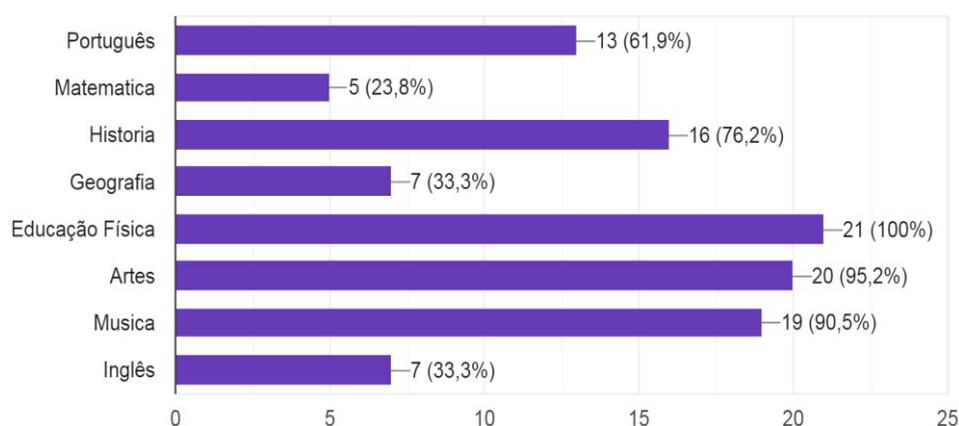
letras musicais. Diante desse contexto, e por considerarmos que o funk representa parte da cultura brasileira pelo qual milhares de jovens se interessam, como um meio de identificação enquanto grupo social, notamos a possibilidade de mediação com o estilo nas aulas de Educação Física em ambiente escolar. (FIOROTTI; BUZATO, 2018, p.14)

Perguntamos, então, em que matéria da educação básica o FUNK poderia ser trabalhado, oferecendo entre as possibilidades de respostas, múltiplas alternativas. Entre elas, a Educação física teve 100% das respostas dos participantes, Artes, 95.5%, Música 90.5%, História 76,2%, Português 61,9%, Inglês e Geografia, ambas com 33,3%, e Matemática 23,8% das alternativas escolhidas.

Gráfico 3 - Disciplinas em que o Funk pode ser trabalhado.

15. Em qual matéria acredita que possa ser trabalhado ?

21 respostas



Fonte: Google Forms (2020)

O movimento *Funk* é sempre relacionado e visto principalmente como uma forma de dança. A Educação Física que tem como uma de suas funções trabalhar e ensinar por meio da cultura corporal de movimento (SOARES et al., 1992) é apontada como uma das principais disciplinas pelos participantes da nossa pesquisa, para se trabalhar a temática FUNK. Ao olharmos para a Base Nacional Comum Curricular, encontramos o FUNK como conteúdo de dança da Educação Física, como mencionamos. Para Jacomini (2015), que trabalhou o *Funk* com alunos do ensino médio, a ressignificação do mesmo se faz necessária, pois ela “[...] irá contribuir para o crescimento da cultura

corporal dos alunos, tornando-os mais conhecedores desta defasagem corporal e cultural, identificando valores culturais e morais, analisando as consequências da exposição corporal sem nenhum pudor [...]” (p. 4).

Infelizmente, o FUNK é propagado de maneira equivocada aqui no Brasil pelos “conservadores” como forma de dança inferior, depravado etc. E nós, como professores-pesquisadores de Educação Física, sabemos e entendemos a dança como uma prática corporal por meio da qual se pode experimentar todos os tipos de combinações e a partir da qual se pode provocar diversas discussões pertinentes.

É um ótimo recurso para desenvolver uma linguagem diferente da fala e da escrita, aumentar a sociabilidade do grupo e quebrar a timidez. Visto que o funk tem origem musical, é totalmente plausível o funk ser encaixado como conteúdo de dança (NANINI, apud JACOMINI; FERNANDES, 2016, p. 4).

Segundo Medeiros (2006, p. 13), dentre as gírias americanas “[...] também significava dar uma apimentada à base musical, como acrescentar riffs (frases musicais repetidas) ao som de uma pancada mais rápida.”

Na nossa experiência de ensino médio, como alunos, tivemos na disciplina de Matemática um professor que nos deu uma tarefa avaliativa trimestral: nós precisávamos criar uma paródia musical de FUNK com o conteúdo aprendido nas aulas dele durante o ano. Nesse mesmo contexto, teve uma amostra cultural um pequeno concurso no qual a melhor paródia de cada turma foi apresentada para toda escola⁵, e cada aluno teve sua função, criando a coreografia, figurino, produção do local, fotografia, bandas etc. Nós pensamos na questão dos movimentos sociais espalhados pelo Brasil e em como podem ser trabalhados dentro das disciplinas; podem ser pautados em todas as áreas do conhecimento, os estudos das letras ricas em sentimentos e histórias. É possível, por exemplo, problematizar sobre a territorialidade na Geografia, sobre as diferenças e relações na cultura entre SP e RJ, através das músicas de FUNK. Existem letras que citam o bairro e as gírias locais, a história, e que indicam como o FUNK se tornou a potência que é hoje, como um dos ritmos brasileiros mais importantes e conhecidos dentro e fora do Brasil. É possível problematizar até mesmo a história do FUNK para os alunos que se identificam,

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4yKAVL55VnU>

problematizar o porquê de gostarem e não gostarem também. Além disso, acreditamos que mesmo os chamados “proibições” podem ser considerados, ao pensarmos nas letras que falam sobre a desigualdade e a opressão e a forma com que a construção das letras trazem verbos e uma linguagem diferente, não tão convencional.

Nossa pergunta questiona a possibilidade de trabalhar com o FUNK nas escolas, como ferramenta pedagógica, e a maioria (76,2%) dos participantes respondeu que sim, 19%, talvez, e 4,8%, que não. Isso reforça a importância de que esses sujeitos tenham tido, em sua maioria, contato com FUNK na formação inicial em Educação Física, ocorrida na Ufes. Pelas nossas experiências, podemos dizer que uma relação crítica com esse ritmo colaborou para desconstruir possíveis preconceitos.

Aos participantes que responderam sim, perguntamos como eles trabalham o FUNK dentro da escola. Algumas das respostas foram parecidas com: “trabalhar a produção de coreografias junto aos alunos”, “contextualização e problematização de letras”, “trabalho de forma Interdisciplinar”, “contextualização da história do Funk e trabalho de discriminação do ritmo”, “a partir da vivência dos alunos, trabalho de composição de parodias e coreografias”, “Fazendo uma recapitulação histórico-social das principais formas de manifestação e uma prática que envolvesse a pluralidade cultural, presente nos temas transversais da BNCC”, “Utilizando o ritmo para trabalhar com o movimento corporal, sem deixar de introduzir a história e o impacto do *Funk* na sociedade e da sociedade no Funk,” entre outras respostas.

Na nossa última pergunta, nós questionamos se os participantes utilizaram o FUNK como forma de aproximação dos alunos. 81% das respostas indicava que “sim”, 9,5 % “talvez” e 9,5% “não”. Baseados em Candau e Moreira, Gonçalves (2015, p. 2) reforça que:

[...] não adianta a escola tentar esconder o universo simbólico da realidade dos alunos, é certo que ela sempre teve dificuldade em lidar com a pluralidade cultural e as diferenças, entretanto, distanciar os alunos das diferenças culturais e da realidade deles, a instituição escolar corre o risco de se distanciar das inquietudes e mentalidades dos jovens de hoje.

Devido ao movimento assumir uma identidade comportamental, estética, e afins, “grupos” podem se relacionar com o FUNK, por exemplo, através do corte de cabelo, das grifes de roupas. Segundo Medeiros (2006, p. 20),

Alguns destes jovens se envolveram não só por identificação, mas também por proteção. Sim, porque em uma cidade onde a periferia está encravada em plena área nobre, e não há distância entre a miséria e a riqueza, os herdeiros das elites criaram uma nova estratégia de sobrevivência. Pelo menos esta é a teoria que a psicanalista Maria Rita Kehl defendeu em 2004. ‘É mais seguro ser confundido com um ‘mano’ do que com um ‘playboy’”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Objetivamos nesta pesquisa refletir sobre a presença do FUNK na escola e o processo de ensino aprendizagem que o considere como prática corporal que integra a cultura brasileira. Para isso, questionamos alunos do curso de Educação Física - Licenciatura e professores recém-formados sobre a presença do movimento cultural do ritmo FUNK no seu cotidiano escolar e de formação. Utilizamos a ferramenta Google Forms para coleta de dados.

Contamos com a participação de 21 indivíduos ao longo do processo, o que nos permitiu analisar a relação e as suas intenções pedagógicas. Este estudo foi muito oportuno, já que nos documentos curriculares em âmbito nacional existe a presença de danças urbanas e populares que se enquadram nesse ritmo, com foco no desenvolvimento de uma consciência crítica sobre o conteúdo estruturado no FUNK.

Compreendendo o principal objetivo, ao analisarmos a pluralidade e os conhecimentos dos indivíduos baseados em suas realidades e opiniões, percebemos que os mesmos, em sua maioria, tendo uma visão positiva do FUNK a partir do momento em que se depararam com as perguntas, trouxeram um olhar mais crítico sobre o mesmo. Além disso, o tema parece ter proporcionado o resgate de um olhar para esse elemento da cultura corporal e valores para si próprios e para pensar futuramente em intervenções com os futuros alunos em sua jornada profissional e/ou social.

O mais importante foi constatar, por meio das respostas, que essa prática está presente no ambiente escolar, seja entre os professores e os alunos, coexistindo de maneira natural, espontânea ou mesmo alienada, atravessada por uma infinidade de tensões e negações.

Reconhecemos a importância, a evolução e as influências do movimento cultural do ritmo FUNK e suas vertentes, bem como a diversidade cultural e social do mesmo, trazendo a análise e discutindo a ampla opção de conteúdos a serem trabalhados, mantendo os seus princípios e características. Ou seja, destacamos que há várias maneiras de se trabalhar com o FUNK tanto na Educação Física, quanto nas demais

matérias escolares, criando a possibilidade de experimentação e levando uma progressão pedagógica que envolva todos os indivíduos (professores e alunos).

Além disso, a bagagem cultural trazida por cada um dos indivíduos possibilitou tentar entender por que e como os indivíduos se aproximaram do FUNK, fazendo com que refletíssemos sobre a nossa própria bagagem e as formas com que fomos inseridos no FUNK, fundamental para entendermos o processo de aprendizagem e a construção de ideias, pensamentos e expressões.

É essencial sabermos que existe a necessidade de trabalhar o FUNK dentro das aulas de Educação Física, pois muitos elementos, como já dito, ainda podem ser explorados, em diferentes contextos e a partir desse tema, de maneira a construirmos práticas educacionais mais emancipatórias, abrindo possibilidades férteis, como por exemplo, o enfrentamento da própria questão social. Por fim, práticas corporais como o Funk não podem ser ignoradas na escola, pois elas fazem parte das vidas dos alunos. É preciso ressignificar o FUNK, de acordo com sua origem, sem vulgaridade e influências opressoras e pejorativas, como estilo musical e corporal.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. R. et al. **Funk “da” escola: uma experiência de resignificação.** Centro Esportivo Virtual-CEV, 1996-2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais : pluralidade cultural, orientação sexual** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997.

DAYRELL, J. **O rap e o funk na socialização da juventude.** Belo Horizonte - MG. SciELO, 2002.

FIOROTTI, T. R.; BUZATO, W. S. R. **O ensino do funk nas aulas de educação física no ensino médio: entre os desafios e as possibilidades.** Cefd - UFES, ES, 2018.

GONÇALVES, K. P. S. Representações de alunos do ensino médio sobre o funk carioca: um olhar sobre a questão dos gêneros. **Linguagem**, São Paulo, v. 37, n. 1, 2021.

JACOMINI, F. P.; FERNANDES, E. V. **A resignificação do funk nas aulas de educação física em uma escola pública da rede estadual do estado do Paraná.** Dia a dia Educação, Paraná, 2016.

JACOMINI, F. P. **A resignificação do funk nas aulas de educação física em uma escola pública do estado do Paraná.** Dia a dia Educação, Paraná, 2016.

LOPES, A. C. **Funk-se quem quiser, no batidão negro da cidade carioca.** Rio de Janeiro: Bom Texto, 2011.

MEDEIROS, J. **Funk Carioca: crime ou cultura? O som dá medo. E prazer.** São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2006.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico.** São Paulo: Editora Cortez, 2013.

SOARES, L. C. et al. **Metodologia do ensino da educação física.** São Paulo: Editora Cortez, 1992.

TEIXEIRA JÚNIOR, J. C. A narrativa da montagem do funk carioca no cotidiano escolar. **SciELO**, RJ, Educ. Soc. vol.36 no.131 Campinas Apr./June 2015, 2015.

XAVIER, F., ALMEIDA, F. Q., & GOMES, I. A relação do funk com a cultura escolar: entre dilemas e tensões. **Pensar a Prática**, v. 21 n. 3 (2018).

SOARES, L. C. et al. **Metodologia do ensino da educação física.** São Paulo. Editora Cortez 1992.

